

Bussofi aponta o marxismo na sua pesquisa "Permitiu o controlo total da imprensa por parte do poder político"



A citação de Carpinteiro

"O futuro de Moçambique é incerto"

Pag. 14

Pag. 07

Pag. 15

Elísio Macamo

"As nossas elites políticas não tem nenhum quadro ético"



Sugestão da Deissy para gestão dos RH
"Reconhecer a importância de equipas para a inovação e sucesso"





Imprensa africana e autoritarismo: a questão étnica no espaço político e na comunicação social de Moçambique (2012-2022) – (part-1)



Por: Luca Bussotti

Introdução

Se existe um “tabu” na imprensa moçambicana, este é representado pela questão étnica. Um tabu que tem atravessado as duas grandes fases político-institucionais do país: a primeira, que vai de 1975 até 1990, conhecida como “Primeira República”, altura do socialismo e do autoritarismo explícitos; e a segunda, que iniciou com a nova Constituição de 1990 e que continua até hoje, conhecida como “Segunda República”, com um ordenamento jurídico formalmente democrático, mas, na prática, ainda autoritário e uma imprensa, sobretudo pública, largamente controlada por parte do partido-Estado Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) (BUSSOTTI, 2015; CHICHAVA; POHLMANN, 2010; HOHLFELDT; SANTOS, 2009). Moçambique é considerado, segundo vários rankings internacionais, um país autoritário ou semiautoritário. Consoante a classificação da Freedom House, Moçambique deve ser visto como “partly free”, com uma pontuação complexiva de 43/100 nos vários indicadores relativos a 2021 (em 2020, era de 45), mas com valores muito baixos (14/40) a respeito dos direitos políticos, totalizando apenas 14/40 (FREEDOM HOUSE, 2021). Diferentemente da Freedom House, que ainda coloca Moçambique entre os países parcialmente livres, o Democracy Index da Economist Intelligence Unit o classifica, desde 2018, entre os abertamente autoritários, ao mesmo nível de outras nações africanas, como Zimbábue e eSwatini, tendo deixado a condição de regime “híbrido” em 2016-2017 (ECONOMIST..., 2019). Moçambique faz parte daqueles países que abandonaram o anterior regime monopartidário com a “terceira onda” de democratização, mas sem nunca alcançar uma organização institucional baseada em uma subdivisão nítida entre os três poderes fundamentais de qualquer Estado liberal, a que se deve acrescentar o “quarto poder”: a imprensa. Segundo Huntington, tal regressão deve-se ao fato de tais países nunca terem

experienciado regimes pluralistas antes da sua adesão às instituições liberais, cujas elites tendem a manter o antigo poder, apesar de as novas constituições garantirem o pluralismo (HUNTINGTON, 1991). Já em meados da década de 1990, as críticas a essa terceira onda de democratização, que abrangia também o continente africano, eram explícitas e claras, destacando os poucos casos de sucesso, e os muitos em que elites políticas fechadas e autoritárias estavam retomando o controlo do Estado, em detrimento das liberdades dos respetivos povos (IHONVBERE, 1996). Por isso é que liberdades fundamentais, como a liberdade política, de imprensa e de expressão nunca se concretizaram em pleno nestas transições. Moçambique não faz exceção: apesar de o país possuir uma Constituição democrática, assim como várias leis que regulamentam a profissão do jornalismo, a partir da lei de imprensa 18/1991, o que tem acontecido regularmente é que o poder político ainda dita o agendamento dos assuntos a serem abordados pela comunicação social, principalmente pública, a mais difusa e conhecida do país (MIGUEL, 2022a). Nesse caso, o processo de “agenda-setting”, que, em países democráticos, atribui à comunicação social o poder de ditar os assuntos de que falar junto à opinião pública e à própria classe política, em outros, como Moçambique, se torna “agenda-denial”. Isso significa que



é o poder político a impor à comunicação social que um certo assunto se mantenha fora da agenda, como tem acontecido no caso da questão étnica para Moçambique: daí a ideia de que tal questão se tenha tornado um verdadeiro “tabu” (CAPELLA, 2016). A agenda-denial é uma modalidade segundo a qual a imprensa desenvolve estratégias para evitar a cobertura de fatos e fenômenos que, pelo contrário, poderiam ser relevantes para o debate público (COBB; ROSS, 1997). Trata-se de uma abordagem teórica que complemen-

ta e, em parte, contraria a visão da agenda-setting, segundo a qual a media tem o poder de enfatizar – tipicamente no âmbito político – qual o assunto a ser mais destacado, por parte deste ou daquele líder ou partido, junto à opinião pública (MCCOMBS; SHAW, 1972). Se a imprensa tem o poder de tornar mais importante um certo assunto, determinando, assim, uma hierarquia de questões a serem debatidas junto à opinião pública, ela também pode optar para uma estratégia contrária: negligenciar temáticas julgadas inconvenientes por parte do poder político (ou de grupos específicos que atuam com poder simbólico e material na sociedade), retirando-as da discussão. É nesse sentido que se pode falar de negação do agendamento, ou agenda-denial, derivante do fato de alguns grupos julgarem que a cobertura de um certo tema pela imprensa poderá trazer prejuízo; nessa perspectiva, tais grupos “usam alguns ou a totalidade de seus recursos para prevenir a cobertura de novos assuntos” (COBB; ROSS, 1997, p. IX). Em democracias maduras, como a americana, onde os conceitos de agenda-setting e de agenda-denial foram pensados, as formas de influenciar a imprensa funcionam mediante um trabalho indireto, que certos lobbies ou o próprio poder político levam a cabo para evitar o tratamento de assuntos julgados incómodos. Tais assuntos aparecem, geralmente, na agenda-setting da imprensa, mas de-

Continua na Pag 08



O SOCIALISMO “PROGRESSIVO” ESPANHOL DE PEDRO SÁNCHEZ, ...UM DESASTRE E UMA MENTIRA!!

Paco Planelles / Espanha



Quando em 1982 subiu ao poder o PSOE/ Partido Socialista de Felipe González, Alfonso Guerra, Nicolás Redondo, etc., etc., a grande maioria dos espanhóis considerou este facto como absolutamente natural, sem mais significado do que uma alternância no poder, como é habitual em qualquer prática democrática. Segundo esta prática, um partido e outro se alternam no governo do país, e todos aceitam naturalmente as regras do jogo, porque concordam em reconhecer basicamente o modelo de sociedade que devem administrar a partir do poder.

Entende-se ou deveria ser entendido que quando a democracia começa a funcionar suavemente é quando todas as convulsões revolucionárias, separatistas e de independência terminaram...

- No caso espanhol, a revolução foi feita quando o regime autoritário do General Francisco Franco mudou para um novo Estado social e democrático de direito - tal como se lê na actual Constituição espanhola, e quando as regras básicas do jogo foram estabelecidas sob o Monarquia parlamentar de Sua Majestade o Rei Juan Carlos I com o conseqüente Referendo, promulgação e assinatura da referida Constituição em 1978.

...E, conseqüentemente, quando os partidos políticos intervenientes abdicarem de todas as suas tentações revolucionárias, separatistas e independentistas, dispostas a governar ou administrar lealmente uma sociedade já configurada, e não a moldá-la num ou noutro molde. Ou seja, limitando-se a exercer a governação e administração do país, com o mais escrupuloso respeito pelos costumes, hábitos, crenças e modos de vida de toda a população espanhola, que constituem o mais precioso tesouro cultural herdado das gerações anteriores.

Poucos de nós duvidamos que as essências mais íntimas do socialismo, no seu estado

mais puro, constituem uma bela proposta, que sempre atraiu o interesse de pessoas de boa consciência. Os seus princípios básicos de justiça, fraternidade, dignidade, respeito, etc., poderiam ser perfeitamente assumidos por qualquer um dos doze apóstolos e da propia Igreja católica. Isto é socialismo teórico, pregação ou mobilização do socialismo. A prática, aquela em que vivemos, aquela que agora quer ser imposta pelas mãos abençoadas de um fugitivo da Justiça espanhola, o expresidente catalão, “Monsieur Puigdemont”, é muito diferente, ou melhor, tem sido exactamente o contrário.



- Provamo-lo “em nome do progresso” com o súbito pacto contra a democracia espanhola assinado pelo PSOE e “Junts per Catalunya” que constitui um verdadeiro desafio revogatório às bases constitucionais do nosso actual Estado de direito social e democrático: o sistema jurídico legal, a igualdade perante a lei, a autonomia da justiça e o princípio da alternância – sem falar na suposta Lei de Anistia “pa t’hom”. Ou seja, todo um acto de capitulação – com o Vº Bº do Presidente do Governo do Reino de Espanha e este mesmo fugitivo da Justiça, ainda residente em Waterloo, o senhor Cárles Puigdemont.

O mal do socialismo espanhol, do “progressista” Pedro Sánchez Pérez-Castejón, não são as suas ideias sublimadas para obter os sete votos de “Juntos pela Catalunha” que lhe faltam para tomar posse como presidente do Governo ao independentista que escapou da Justiça, “El Molt Honorável” Carles Puigdemont e resolver o chamado “procés” ou problema catalão (¿?) - o que pode ser bom, mas o uso abjeto e miserável que ele e Puigdemont, - ambos, fazer deles, como armas de luta, dominação e poder. O socialismo “progressista” de Pedro Sánchez Pérez-Castejón seria bom se não fosse uma

confusão final de desastrosos “trade-offs” deste novo aprendiz de mágico e das suas vãs palavras e mentiras: “Paróle, paróle, paróle,...”

A história tratará da qualificação moral de seus comportamentos. Deixemos que os sociólogos, trabalhadores e empresários ou o mesmo povo espanhol falem das suas repercussões políticas, económicas e sociais nas próximas eleições gerais do início do ano. Limite-me a fechar os olhos e tapar o nariz para não ver ou cheirar tanta indignidade, fabricada pelo discurso político demagógico dos nossos atuais líderes socialistas populistas y bolivarianos que governam o Reino de Espanha.

O socialismo espanhol certamente despertou grande entusiasmo naqueles primeiros e distantes anos de ocupação do poder com Felipe González, Alfonso Guerra e Nicolás Redondo, simpatia nos anos seguintes, desconfiança depois e irritação nos últimos anos de Zapatero ou Pedro Sánchez por não citar outros primeiros-ministros pertencentes a outros partidos de direita.

Ou seja, os cidadãos foram diminuindo o tom de aceitação à medida que foram conhecendo-os. Estas são as coisas que sempre acontecem na política quando os governantes usam o engano, o narcisismo ideológico, a conversa fiada e as mentiras como arma na luta pelo poder.

O simples facto de Pedro Sánchez Pérez-Castejón, actual candidato à investidura como Presidente do Governo do Reino de Espanha, pretender permanecer no poder, primeiro, por mais quatro anos de legislatura, quando assegurar aos seus actuais anfitriões socialistas, separatistas e independentistas reunidos que o seu projecto progressista “vem de longe e vai ainda mais longe”, entende-se – ou deveria entender-se – que Sua Excelência está disposto a abusar das prerrogativas do nosso actual sistema democrático, ultrapassando os limites da mera governação do Reino de Espanha, realizar as suas próprias revoluções e moldar a sociedade espanhola com a rigidez do seu dogmatismo particular face à política incruenta e de consenso do primeiro presidente do Governo de Espanha, Dom Adolfo Suárez González.

PONTO FINAL

“Vamos aplicar mais e mais projectos para acabar com o desemprego”



Silvio Mathabel

Em primeiro quero agradecer ao povo moçambicano pela vitória que de todas as formas é de responsabilidade popular, isto é, é a vontade do povo que determinou que estejamos aqui hoje para tomada de posse. Muitíssimo obrigado. Este pódio pertence-nos a partir de hoje e com isso pretendemos fazer a liderança, ou melhor exerce-la, isso passa por unir os moçambicanos à uma mesma força e juntos construirmos o país. Não se pode negar que as infra-estruturas fazem falta no nosso país e todo o tipo de infra-estruturas são bem-vindas a nossa realidade. Temos a prior de dar a devida atenção a estrada nacional que é a nossa espinha dorsal de desenvolvimento, essa estrada alimenta indubitavelmente a nossa eco-

nomia, portanto, vamos envidar esforços para a sua efectivação.

Vamos ainda dar primazia a habitação que mais do que indicar os Campos a serem ocupados pela população, implica fazer as construções respectivas, alocar os jovens e nesta mesma perspectiva alargar as cidades. Até agora, volvidos 48 anos de independência as cidades de que nos orgulhamos são as deixadas pelo colono, inadmissível. Vamos começar neste mandato a fazer as nossas grandes cidades. Vamos trabalhar demasiadamente pois isso promove simultaneamente o Emprego, ou seja, vamos aplicar mais e mais projectos para acabar com o desemprego. Obrigado pela confiança povo moçambicano!



Quinta-Feira, 16 de Novembro de 2023

Tabela Cambial

	Compra	Venda
USD	63.25	64.51
ZAR	3.49	3.55
EUR	68.72	70.09

Samito só avança com a destruição da Frelimo!

Pelos absurdos do presidente da República, tornados memes nos dias actuais, de facto porque o ridículo e o engraçado também tornou-se demasiado útil para a tecnologia e a juventude de hoje, não era de se esperar que houvesse algum assessor lúcido ao lado de Felipe Nyusi, mas o último congresso do partido governamental revelou a existência de uma possível boa assessoria. Pois, uma boa decisão o presidente tomou, não apontou, ou melhor, não deixou agendar-se a indicação do seu sucessor.

No entanto, esta agenda anda em debandada pelas ruas nacionais, sob especulação popular e definitivamente não é mais problema de Felipe Nyusi nem no interior do partido a não ser que o também absurdo *Celso Correia para presidência* exista de facto e seja da sua autoria, esperamos que não pois isso seria terrível ainda que fosse sugestão de Mondlane. Que não passe de mais uma especulação.

Porém, esse facto inédito ocorrido ou talvez não ocorrido no XII congresso, permite que cada poderoso no seio do partido atice seus apetites presidenciais e porque é um assunto em aberto permite também que cada indivíduo, seja ele nacional ou não, faça a sua análise a respeito, visto que os fe-

nómenos referentes ao tema crescem dia-pós-dia.

É nesta senda, que nos incumbe a necessidade de também deixar o nosso parecer, Samito Machel.

Esse cidadão nacional, empresário de sucesso por sinal, filho mais velho do antigo, Presidente da República e por essa razão não passa despercebido nos meandros políticos. Com esta brexa deixada por Felipe Nyusi no último congresso, Samito Machel passou também a ser um quadro provável para sua substituição, aliás a probabilidade de candidatar Machel jamais fora segura devido ao aspecto que interessa discuti-lo mais adiante, essa segurança de candidatura começa a master agora, no período pós-eleitoral principalmente.

É com esta balbúrdia eleitoral que o próprio Samito começa a car a cara para criticar o que não está certo e, porque muita coisa de facto não está certa, a aparição deste cidadão tem-se evidenciado pela positiva, caso para perguntar aos contra Samito se estão cientes de que essa bagunça eleitoral poderá estar a favorecer à alguns dentre eles, os pro Samito então, mas, a resposta só interessa aos mesmos.

Subtende-se - se considerarmos o local de nascimento de Armando Guebuza - que o país jamais fora

dirigido por um nortenho até ao actual Presidente e isso tornou-se um problemão para Frelimo e não só, já com a indicação de Nyusi procurava-se resolver tal problema mas essa equação só ficou mais complicada pois o centro entende que é hora dessa adição inclui-lo, ou seja depois de Felipe Nyusi deverá assumir a Frelimo um cidadão oriundo do centro e, isso parece irreversível. Ainda nota-se assim de soslaio, alguma aceitação a mais um nortenho, Aires Aly provavelmente, Eduardo Mulembwe pouco provável, mas o que não parece estar na mesa de negociação é o sul. Portanto o regionalismo está em alta, fora promovido pela Frelimo e está a pegar, como todos os desastres sociais que este partido promove.

Samito Machel não procede, importa talvez lembrar que aquando do seu surto em querer dirigir Maputo no mandato passado, Namoto seu primo de guerra, exaltou-se para enxovalha-lo e não se esqueceu de fazer referencia a questão regional. Para Samito de Chilembene entrar à ribalta, terá de haver uma luta interna que, quiçá, escangalhe a Frelimo até ao osso. É uma divisão notável, este machangana não passa nem no comité central, nem na comissão política.

FICHA TÉCNICA

Director Editorial: Douglas Madjila

Administração: Hélio Pinto ; Contactos: 841385148 / 87 3017860

Redacção: Benta Edith, Orlando Júnior, Jéssica Monteiro Redacção : 87 5308210/ 82 3308210

Numero de Registro de Entidade Legais: DISP.67/GABINFO-DEPC/210/2022

Endereço: Av. Amílcar Cabral, 1542 1º andar ; Cidade de Maputo Email: luzdopensamentomz@gmail.com



DO PENSAMENTO



Por: Carlos Sousa

Substancial, Construtivo e Facilitador às Actividades dos Motoristas - Forçados a Guiarem sob Pressão !



Prezados Leitores,

Dedicamos estas palavras de **alto apreço** a todos os **Condutores e Motoristas** que nesta **Época de aproximação aos dias Festivos e do final do ano**, trabalham incansavelmente, vencendo arriscados desafios nos Km, para nos sustentarem de alimentos, de bens de conforto e saúde, mas também de extravagâncias, fazendo entregas de tudo e em satisfação de milhões e milhões de pessoas.

Muitas vezes esquecemo-nos deles e ainda os castigamos por negligências, distrações e desalinhos, **provocados por interferências de tantos outros na mesma equipa**, uns em desleixo por bem acomodados no ar condicionado, outros facturando serviços, mas por vezes pouco dignos da referência correspondentes aos anúncios de assistência técnica ! Importa sensibilizarmos a supervisão, técnicos de segurança, inspetores, mecânicos e os motoristas, que Conduzir em condições sob pressão, os **coloca em maior risco de dirigir fatigado**, decidem por regulares incidentes, desafiam acidentes, multiplicam as perdas, os custos e as emissões, **apesar de quase tudo, evitável**.

Diversos estudos internacionais nos esclarecem que trabalhar com **equipes de emergência** promove a fadiga num impacto na ordem de **90% em relação aos motoristas**.

No entanto a Época, não é de Emergência e o presente ambiente que felizmente partilhámos, seja em estrada, nos locais de carga e descarga, nas oficinas, parques e ou nos gabinetes, em nada justifica, **exercermos pressão sobre os que Dirigentes Volantes** colocando-os em risco ou pior ainda, quando comparados aos que sofrem impactos por actividades em emergência !

Vísamos incentivar **os gerentes de frota** a prestarem mais atenção **à Formação, Capacitação, Tecnologias, métodos de Controlo fiável, atendendo aos adequados processos, procedimentos e sistemas** que evitem impactos por excessivas interferências, desatenção, que estão agindo e contribuindo para que as actividades críticas ao Volante se transformem em perigos de acidentes e perdas.

Os comportamentos possuem uma forte relação com o passado, mas também reagem sob efeito de pressões !

Em todas as organizações **elegendo os procedimentos preventivos e de segurança**, todos os profissionais possuem conhecimento que **a nossa mente não consegue realizar duas tarefas em simultâneo sob total domínio e fácil controlo !**

Atendendo a esta vital condição, devem as "chefias" ter consciência e exercerem mais sensíveis ao seguinte frequente e grave impacto:

Sabemos que o motorista está activo em condução, mas insistimos constantemente a ligar o telefone para transmitir-lhe instruções em falta ou desnecessárias em avanço, as quais **deviam ter sido resolvidas no período de programação do plano de viagem e de preparo com a devida antecedência** e respeito a evitarmos risco e perigo que transferimos ao colega e aos restantes envolvidos na via de trânsito.

Acontece e com elevada frequência, **mas Não devia**, porque a distração, falta de consciência e reduzida sensibilidade da Gestão e Supervisão por disciplinas de Segurança, nomeadamente irregularidades face aos compromissos por conformidades para com a norma **ISO 39001**,... Não estão Ainda em abraço aos profissionais, isso Não !!

Incentive os motoristas a paragens adequadas, sempre que podem e necessitam de fazê-lo sem mais desafios ao risco, sem medo de repercussões de repressão, nem ameaças a perda de trabalho, pelo facto de se sentirem sob fadiga e agirem por conduta e procedimentos de conformidade, zelo para com a Organização, Famílias e o respeito também para com todos no trânsito. Lembrando que independentemente dos calendários, são Eles, os Motoristas, que nos asseguram facilidades aos alimentos para nossas famílias, encher de combustível os nossos carros e sobretudo facilitam-nos o acesso aos suprimentos médicos importantes, entre quase tudo que dependemos de transporte e mobilidade.

Garanta que o bem-estar profissional seja um equilíbrio, de motivação aos desempenhos, por recurso a ferramentas de constatação, avaliação, satisfazendo as necessidades de **educação regular**

das equipas ao constante e fundamental aperfeiçoamento, o que facilita serem atingidos todos resultados esperados pelas Organizações, em proveito das Famílias, Comunidades e desenvolvimento.

Procuremos manter o princípio que o investimento nos aplicativos de Formação, se bem planeado, orçamentado a tempo, selecção capaz aos processos adequados, **Não Deve representar um custo adicional**, outro sim, uma despesa aplicada, mas de rápido se não, de imediato retorno.

Seguem alguns conselhos em como **prevenir a fadiga** quando em activo ao volante e de como agirmos para evitar **GRAVES** e ou **fatals** acidentes !

Sempre que se sentir **cansado** deve decidir por descansar antes de iniciar qualquer tipo de **condução de uma máquina**.

As principais causas de fadiga São:

- Excessivas horas de condução;
- **Monotonia** provocada pelo traçado da estrada;
- **Posição** desconfortável e desajustada ao volante;
- **A FADIGA** também age em consequências de **RISCO** mesmo sobre os que conduzem em **curtas distâncias** ;
- Défice de horas de **sono/descanso efectivamente tranquilo**;
- Exagerado **esforço físico**;
- Trabalho intelectual **intenso**;
- Ingestão de **bebidas** alcoólicas ou drogas;
- Ingestão de certos medicamentos fora de controlo;
- Estado de **stress, sob pressões do chefe ou colegas**;
- **Constantes interferências de ligações telefónicas por**



instruções da organização, desorganizada !

- Estado de indisposição **doença**;
- Estar sujeito a temperaturas extremas;
- **Deficiente arejamento** do habitáculo ou interior da cabina do veículo;
- Refeição pesada;
- Evitar e adiar o alívio, satisfazendo inadiáveis necessidades fisiológicas (**parar para urinar**)
- **Frequência** e excessos da Condução **nocturna**;
- Deficiências visuais **não corrigidas**.

Conselhos para reduzir os impactos da fadiga ao volante:

A **aptidão** para a condução depende de diversos factores, entre eles o **descanso** e o **alívio**.

Assegure-se de que somente inicia o acto de conduzir, se e quando reunidas **plenas condições**.

É por isso que se deve **DORMIR tranquilo** 7 a 8 horas.

Opte por Incluir no trajeto, **PARAGENS estratégicas programadas para alívio** a fim de repor energias activas de compensação ao desgaste **físico** e mental.

Evite conduzir durante períodos excessivamente longos, **preveja uma paragem a cada 150 quilómetros**, ou após aproximadamente **a cada duas horas seguidas ao volante**.

Pare a viatura e caminhe um pouco. Lembre-se que os últimos quilómetros são sempre os mais difíceis e mais propícios a agir **desatento, desafiando o risco**.

Estudos indicam-nos que, após 2 horas de condução contínua, o **tempo de reacção do condutor duplica !**

Naturalmente a **distância de reacção aumenta**, necessitando de redobrado atento e aumentar a **distância ou afastamento de segurança** ao veículo que se encontra na frente.

Ajuste a sua postura no **Banco do Condutor** de forma a sentir-

-se **confortável**, conseguindo alcançar sem **esforço** adicional, todos os comandos.

Mantenha presente que alguns **medicamentos** podem provocar **sonolência**, **reação alongada**, entre outras **interferências**, leia a **respectiva bula** e ou consulte o **farmacêutico, assistência médica** ou o colega no desempenho de **técnico de segurança** no trabalho.

Caso necessite de recuperar a energia, opte por uma **refeição ligeira**, antes e ou nas paragens durante a viagem.

Mantenha o corpo **BEM HIDRATADO**, **água é essencial para a vida !**

Faça os possíveis para que a **temperatura dentro do veículo** seja a adequada. **Evite o frio ou o calor excessivo**. Porém circule com os vidros fechados e portas trancadas.

De 30 em 30 minutos, reduza a velocidade, mantenha a cabina do veículo **bem arejada** por uns 2 minutos e **volte a fechar as janelas**.

A utilização de **óculos de sol** enquanto ao volante, tanto devido a intensidade do sol, bem assim durante o percurso nocturno, é intenso de chuva e trânsito, facilita e reduzirá notavelmente a sua **fadiga visual**.

Sempre que necessário, deve utilizar adequadamente a PALA para reduzir o encandeamento pelo Sol.

Nos momentos em que coincide apanhar de frente , o **NASCER** ou o **PÔR do SOL** , reduza a marcha e pare, para alívio, durante breves minutos !

Não e NUNCA tente resistir à fadiga, nem ao sono !!

A fadiga e o Sono com a condução, são absolutamente incompatíveis. Seja consciente das suas limitações.

Aprenda a conhecer-se, a avaliar e Não ultrapasse nem desafie os seus limites !

Quando estamos a **abusar das capacidades do nosso corpo**, este demonstra uma série de sinais de **exaustão e fadiga**.

Esta é uma **lista dos sintomas** que poderá sentir relacionados com a fadiga:

- **Bocejos** frequentes;
- Dificuldade de **concentração**;
- Dificuldade em manter os olhos abertos e em focá-los;
- Sensação de **picadas nos olhos** ou de olhos pesados;
- Sensação de entorpecimento e **cãibras nas pernas**;
- **Impaciência** ; reduzida pré-disposição para as habilidades.
- **Mau Humor**;
- Dificuldade em manter a cabeça direita;
- Sensação de reagir com mais **lentidão**;
- Dificuldade em **reter em memória** acontecimentos imediatamente ocorridos ou anteriores;
- Pensamentos **desconexos**;
- Sensação de **sonhar** acordado;
- Bruscas mudanças de velocidade;
- Alterações no **desempenho da Condução** ;
- Sensação de que todos **os outros** condutores conduzem mal;



Os principais efeitos da fadiga:

Caso tenha a noção que está a sofrer de um destes **efeitos**, deverá parar imediatamente aliviar e descansar:

- Aumento do tempo de **reação** ;
 - Perda de **vigilância** em relação ao meio envolvente;
 - **Lentificação** da resposta reflexa;
 - Diminuição da **capacidade de decisão**;
 - Perturbações na **observação/vista**;
 - **Períodos** de 1 a 2 segundos com os olhos fechados;
 - Aumento da **sensação de esforço** ;
 - **Menosprezo** pela **sinalização** e dificuldades na sua **descodificação**;
 - Dificuldade em manter a **trajectória** do veículo.
- Antes de conduzir**, avalie se a sua **Auto-Confiança**, se Se encontra Capaz de Dirigir em Segurança.

Uma Palavra de profundo Repúdio por Todos que têm a ridícula coragem, no ambiente Profissional de Colocarem anúncios públicos de selecção a uma candidatura, em nome de especialistas seja qual for,.. afirmando que o "candidato" deve ter de admitir o trabalho sob Pressão !!

Não merecem mais comentários !



Por Deisy Monjana

RH em destaque: Perspectivas Futuras para a Gestão de Recursos Humanos

A gestão de recursos humanos (RH) está em constante evolução, moldando-se de acordo com as mudanças no ambiente de trabalho e as demandas da sociedade. À medida que avançamos no século XXI, diversas tendências e inovações vão delineando o futuro da gestão de RH, portanto, tem sido exploradas novas perspectivas futuristas que ajudam a moldar a forma como as organizações abordam a gestão de pessoas.

Tecnologia

Uma das mudanças mais significativas no campo de RH é o papel crescente da tecnologia. Sistemas de gestão de RH baseados em inteligência artificial estão a revolucionar processos tradicionais, automatizando tarefas rotineiras e permitindo que os profissionais de RH foquem em actividades mais estratégicas. A análise de dados, impulsionada por algoritmos avançados é uma ferramenta essencial para a tomada de decisões baseada em evidências, desde o recrutamento até ao desenvolvimento do talento.

Flexibilidade

A pandemia global acelerou a aceitação do trabalho remoto, transformando a maneira como as organizações encaram a presença física no local de trabalho. O futuro da gestão de RH provavelmente verá um equilíbrio entre o trabalho presencial e remoto, com empresas adotando modelos híbridos para atrair e reter talentos. A flexibilidade no local de trabalho se tornará

uma prioridade, influenciando políticas de licenças, horários flexíveis e o uso de tecnologias colaborativas.

Desenvolvimento Contínuo e Aprendizagem Personalizada

A aprendizagem ao longo da vida se tornará uma norma na gestão de RH do futuro. À medida que as habilidades necessárias evoluem rapidamente, as organizações precisam investir em programas de desenvolvimento contínuo para manter seus colaboradores actualizados. A personalização da aprendizagem, impulsionada por algoritmos adaptativos, garantirá que os colaboradores tenham formação sob medida para suas necessidades individuais, promovendo um ambiente de trabalho mais capacitado e eficiente.

Diversidade e Inclusão como Prioridade

A gestão de RH do futuro está cada vez mais focada na promoção da diversidade e inclusão. As organizações devem reconhecer a importância de equipas diversas para a inovação e o sucesso organizacional. Políticas inclusivas, processos de recrutamento imparciais e programas de desenvolvimento de liderança para grupos sub-representados serão peças-chave para criar ambientes de trabalho mais equitativos.

Bem-estar e Saúde Mental

A saúde mental dos colaboradores é uma preocupação central na gestão de RH. O estresse e as demandas do trabalho moderno destacaram a neces-

sidade de programas abrangentes de bem-estar. A oferta de suporte psicológico, políticas de equilíbrio entre trabalho e vida pessoal e a promoção de uma cultura de apoio serão aspectos essenciais na gestão de recursos humanos para promover a saúde mental e o bem-estar geral.

Liderança Transformadora

A gestão de RH do futuro exige líderes transformadores. Líderes que possuam habilidades de adaptação, empatia e capacidade de inspirar suas equipas em ambientes de mudança constante. A liderança inclusiva e orientada para o propósito será crucial para motivar os colaboradores, alinhar a equipa aos objetivos organizacionais e enfrentar os desafios emergentes.

Portanto, a medida que avançamos em direção a um futuro cada vez mais complexo e dinâmico, a gestão de recursos humanos desempenha um papel vital na sustentabilidade e sucesso das organizações. Adotar uma abordagem proactiva para as tendências emergentes, integrando tecnologia de forma estratégica, promovendo a diversidade e inclusão, e priorizando o bem-estar dos colaboradores são elementos-chave para moldar positivamente o futuro da gestão de RH. O caminho à frente é desafiador, mas também repleto de oportunidades para criar ambientes de trabalho mais eficientes, inovadores e centrados nas pessoas.

	Assinaturas		
	Mensal	Semestral	Anual
Instituições/Função Pública	1700.000MT	10.000MT	20.000MT
Embaixadas e Fora do País	100 USD	550 USD	950 USD

Continuação da Pag 02

-denial seguem caminhos mais tortuosos e distintos, consoante o grau de autoritarismo de cada país. Se, por um lado, existem casos em que a liberdade de imprensa é simplesmente banida – como em Eritreia, no Egipto ou em Djibuti –, na maioria das circunstâncias o que acontece é o forte condicionalismo, intimidações, controlos e até censura da imprensa por parte do poder político, com mecanismos generalizados de vigilância (MENTAN, 2015). Assim, não são os jornais e suas redações que determinam o agendamento dos assuntos a serem abordados, mas sim, o poder político de que tais órgãos de comunicação social, em larga medida, dependem. Em Moçambique, a época socialista marcou de forma indelével o relacionamento entre imprensa e poder político, apesar das mudanças constitucionais que intervieram a partir de 1990 e as posteriores alterações da Carta Magna, até a última de 2018 (GOUVEIA, 2018). As raras exceções que procuraram fugir a esse controlo, depois da introdução da Constituição pluralista e democrática, sempre sofreram represálias por parte do governo: alguns jornais foram absorvidos ou comprados por empresários próximos ao partido no poder, conseguindo mudar a linha editorial; outros, receberam ameaças e seus editores e jornalistas foram até mortos devido à frontalidade de abordar assuntos “sensíveis”, como o caso-Cardoso demonstra (FAUVET; MOSSE, 2004). Em época socialista, a via escolhida para o controlo dos órgãos de informação foi direta: eles foram nacionalizados – inclusive revistas de tendência liberal, como a Tempo (ZIMBICO, 2019), fundada em 1970 e definitivamente fechada em 2009 –, e o espaço para uma imprensa independente só se deu a partir da viragem democrática da década de 1990. Os primeiros grupos de foragidos da imprensa pública iniciaram a fundar cooperativas ou até sociedades privadas, com o objetivo de ocupar o espaço que a nova Constituição, assim como a lei 18/1991, tinham deixado disponível no mercado da informação. Foram duas cooperativas de jornalistas que provinham, na sua quase totalidade, de jornais públicos como o “Notícias” e o “Domingos” ou da própria Agência de Informação de Moçambique (AIM), a dar vida às duas experiências-piloto de uma imprensa independente: por um lado, a MediaCoop, composta por jornalistas de renome como Carlos Cardoso, Salomão Moyana, Fernando Lima e outros, iniciou as publicações do primeiro jornal privado, o MediaFax, distribuído via fax logo depois da aprovação da lei de imprensa de 1991, para depois, em 1994, lançar o primeiro semanário impresso, o “Savana”, até hoje uma referência incontornável do jornalismo moçambicano; por outro lado, outros profissionais como Elías Cossa, Ginabay, Noé Dimande e Palmira Velasco, reunidos na CoopArt fundaram, ainda em 1994, o semanário “Demos”, que não poupava críticas ao regime da FRELIMO. O governo teve de aceitar essa nova realidade, mas sempre procurando minimizar o risco de ver esses novos jornais “vasculharem” os negócios da elite política do país, que, entretanto, se tinha transformado de marxista-leninista numa classe dirigente, ao mesmo tempo liberal e autoritária. Foram adotadas várias estratégias para que essa nova imprensa não criasse demasiados problemas. No novo contexto democrático, a primeira estratégia foi direcionada em controlar a comu-

nicção social privada emergente – tentativa que, pelo menos com os dois novos semanários acima recordados, o “Savana” e o “Demos”, não surtiu os efeitos desejados. Aliás, a partir de divergências internas, sobretudo à MediaCoop, o jornalista mais destacado, Carlos Cardoso, fundou um novo jornal, “O Metical”, particularmente agressivo em termos de crítica à política econômica do governo, desvelando práticas de corrupção da elite local que punham em risco os negócios milionários dos antigos marxistas-leninistas. O “Demos” iniciou a colaborar com “O Metical”, com contínuas denúncias de esquemas financeiros fraudulentos, que levaram ao assassinato de Carlos Cardoso, em pleno centro de Maputo, a 22 de novembro de 2000 (FAUVET; MOSSE, 2004). Os mandantes responsáveis pela eliminação de Cardoso nunca foram identificados: o filho do então presidente de Moçambique, Chissano, foi chamado em causa pelos réus como quem havia encomendado o homicídio, mas ele morreu em 2007 e, assim, só foram condenados os seis executores materiais do assassinato (IGARCIA, 2003). Depois da questão-Cardoso, a elite política local pensou em silenciar o “Demos”, embora de forma menos violenta. Este semanário, aproveitando-se de divergências internas à redação, foi primeiro comprado por um grupo empresarial próximo ao então candidato a presidente Guebuza e, logo depois das eleições de 2004, fechado definitivamente. Em tempos mais recentes, jornais como o “Canal de Moçambique”, o semanário atualmente mais hostil à linha política da FRELIMO, viu a própria sede incendiada em agosto de 2020, provavelmente a mando de indivíduos próximos ao poder político (SILVA, 2020), e cujo editor, Matias Guente, sofreu uma tentativa de rapto poucos meses antes (JORNALISTA..., 2019). No meio disso tudo, uma série de atentados, intimidações e até raptos de jornalistas da imprensa privada e da sociedade civil, cujo detalhamento aqui é desnecessário, testemunham quão intensa havia sido a interferência do poder político junto à comunicação social em Moçambique, e quão pouco o poder judiciário havia se prontificado a investigar e julgar tais abusos (LEONARDO, 2022). Dentro desses mecanismos de controlo típicos de um Estado autoritário, a questão étnica foi um dos assuntos de que não se devia falar, segundo uma postura de agenda-denial mencionada anteriormente; entretanto, ela atravessa toda a história do país de forma subtil, quase escondida, salvo tenha eclodido em momentos determinados, despertando um interesse crescente numa parte da imprensa, sobretudo em períodos mais recentes, mas tendo como início os anos de 2012-2013, coincidindo com o retorno à guerra civil entre o governo e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO). É por isso que este estudo debruça-se, essencialmente, em dois períodos: o primeiro, que vê como protagonistas o governo e a RENAMO, com suas respectivas lideranças, em que a questão étnica emerge no seio de uma confrontação bem conhecida em Moçambique e de cunho político e, depois, militar; e o segundo, que inicia com a governação de Nyusi, em 2014, e que continua até hoje, centrada na edificação de um sistema de poder etnicamente caracterizado no sentido Makonde (o grupo étnico de Nyusi), representando uma novidade absoluta no seio da esfera pública moçambicana. Entretanto,

antes de apresentar esses dois momentos, o artigo faz um breve historial da questão étnica no debate público moçambicano, no período anterior à década de 2010, demonstrando o quanto esse tema foi subterrâneo, mas, ao mesmo tempo, presente durante todo esse tempo, e como a agenda-denial funcionou para excluir esse assunto da cobertura da comunicação social. A pesquisa foi realizada mediante uma abordagem qualitativa, assentando-se em dois momentos principais: no primeiro, fez-se uma breve análise da questão étnica e de seu esquecimento no discurso político moçambicano, desde o pensamento de Eduardo Mondlane e Samora Machel até aos dias de hoje; no segundo, o estudo debruça-se de forma mais específica sobre o processo de agenda-denial aplicado à imprensa escrita, destacando a distinção entre as coberturas da mídia pública e da privada. Para tal, procurou-se analisar como os dois tipos de imprensa, a pública, mediante o jornal “Notícias”, e a privada, considerando jornais como o “Savana”, o “Canal de Moçambique”, o “Carta de Moçambique”, o “Evidências”, o “A Verdade”, entre outros, fizeram a cobertura de intervenções pontuais de importantes atores políticos que se debruçaram sobre a questão étnica. A perspectiva usada foi multidisciplinar, contando com um olhar histórico-político e com a ótica da análise do discurso junto à imprensa nacional moçambicana.

As premissas históricas: o tabu da questão étnica no espaço político moçambicano

Existe uma frase muito famosa repetida pelo primeiro Presidente de Moçambique, e que se tornou um dos lemas fundamentais na edificação do Estado-nação moçambicano: “matar a tribo para fazer nascer a nação”. Em 1973, ainda antes da obtenção da independência de Portugal, Machel (1973, p. 5) teorizava que “O regionalismo, o tribalismo, a atitude de desprezo para com as outras comunidades, resultam da ignorância, do desconhecimento dos outros valores”. Uma frase que provinha de um legado histórico significativo, o da luta armada de libertação, com ilustres moçambicanos a enfatizar a necessidade de uma unidade nacional que já se assentava em bases étnicas tão definidas quanto pouco explicitadas: literatos e ideólogos como Craveirinha, ao estudar o “folclore” moçambicano, tendiam a exaltar os produtos culturais do Sul do país, como no caso da marrabenta (GRAVEIRINHA, 2009). Eduardo Mondlane, em 1967, mostrava plena consciência de uma realidade étnica complexa e diversificada, que, entretanto, devia ser unificada mediante uma língua comum, juntamente com uma cultura e práticas econômicas e militares compartilhadas (MONDLANE, 2009). O outro grupo étnico hegemónico, já na altura da luta de libertação e aliado aos Rongas do Sul, o dos guerrilheiros Makonde, iniciava também a ser conhecido em suas manifestações culturais, como a dança do Mapiko (ISRAEL, 2014; RHORMENS; BONFITTO JÚNIOR, 2013). Outros povos do Centro e do Norte do país não tiveram a mesma sorte, não merecendo mais do que uma atenção superficial, ou até nula, dos cientistas sociais moçambicanos, assim como estrangeiros (BUSSOTTI; NHAUELEQUE, 2022). Entretanto, o discurso do “esquecimento étnico”

Continua na Pag 12

FMBCAPITAL HOLDINGS PLC REÚNE-SE COM INVESTIDORES APÓS FORTES RESULTADOS DO PRIMEIRO SEMESTRE

O FMBcapital Holdings Plc (FMBCH), a holding para as operações do First Capital Bank, realizou hoje uma mesa-redonda de investidores após o anúncio de um forte conjunto de resultados nos primeiros seis meses de 2023.

Os resultados no final de Junho de 2023 seguiram-se a um desempenho já impressionante do ano de 2022, que rendeu um lucro, após impostos, de US\$61,2 milhões, apresentando um crescimento significativo no desempenho financeiro. O Grupo reportou um lucro semestral, após impostos, de US\$42 milhões, um aumento de 67% em relação ao mesmo período do ano passado (lucro provisório de 2022, após impostos: US\$25 milhões).

Falando na mesa-redonda, o CEO do Grupo FMBCH, Sr. Jaco Viljoen, disse: *“É importante reunirmo-nos com os nossos accionistas para discutir o ambiente de negócios, o nosso crescimento mesmo em condições macroeconómicas desafiantes e os planos estratégicos do Grupo. Também desejamos partilhar o nosso compromisso contínuo com a excelência do serviço. Isto é apoiado por investimentos estratégicos em colaboradores, bem como em tecnologia, que têm sido essenciais para o nosso crescimento até agora.”*

Viljoen acrescentou que o Grupo continuará a perseguir as suas prioridades estratégicas, impulsionando o desempenho e o crescimento sustentáveis a longo prazo. Essas prioridades incluem o aprofundamento do valor da marca First Capital com clientes novos e existentes, aumentando a base de clientes activos e desenvolvendo o nosso capital humano. E encerrou dizendo: *“Acreditamos que, se nos focarmos nos nossos princípios, o crescimento do negócio seguir-se-á organicamente; no Grupo FMBCH a crença vem em primeiro lugar.”*

Por seu lado, a Sra. Mythri Sambasivan-George, Directora Financeira do Grupo FMBCH, reflectiu sobre as condições macroeconómicas desafiantes em cada um dos cinco mercados operacionais do Grupo. Apesar destes desafios, o rendimento operacional total do Grupo cresceu 26% no período, para US\$121 milhões. Acrescentou ainda: *“O FMBCH continua bem governado e com a intenção de manter uma posição financeira saudável que permita um desempenho e crescimento sustentáveis a longo prazo;*

prevemos um progresso constante no futuro, embora sujeito a desafios económicos, e a possível não recorrência de alguns geradores de lucros significativos no 1S2023.”

Ao partilhar o desempenho do Grupo, a Sra. Sambasivan-George destacou que cada país teve um desempenho positivo durante o primeiro semestre de 2023, aumentando a base de clientes em mais de 30.000, para 585.966 clientes. Em termos de rentabilidade, o Botswana contribuiu com US\$7,65 milhões (1S2022:



US\$6,53 milhões), o Malawi e Moçambique quase duplicaram os seus respectivos resultados para US\$16,33 milhões (1S2022: US\$8,71 milhões) e US\$8,93 milhões (1S2022: US\$3,78 milhões), respectivamente, enquanto a Zâmbia alcançou US\$4,5 milhões (US\$5 milhões no 1º semestre de 2022) e o Zimbabué mais do que quintuplicou o seu desempenho para US\$6,8 milhões (1S2022: US\$1,25 milhões).

Ela concluiu indicando que o dividendo intermediário será pago em ou por volta de 15 de Novembro de 2023 aos accionistas cujos nomes aparecerão no Registo de Membros no fecho dos negócios a 10 de Novembro de 2023. A intenção do Conselho é manter uma política de dividendos regular sujeita às aspirações de crescimento do Grupo.

Destaques operacionais:

Durante os seis meses até 30 de Junho de 2023:

- A receita líquida de juros para o semestre aumentou 25% e o total de receitas não decorrentes de juros aumentou 28%, resultando em uma receita operacional total de US\$121 milhões - um crescimento de 28% no período.
- O lucro após impostos é de US\$42 milhões - um aumento de 67% em relação a Junho de 2022.
- Os empréstimos e adiantamentos a clientes aumentaram 12% no final do período, fechando em US\$700 milhões.
- O rácio de perda de crédito sobre os adiantamentos a clientes (despesa líquida de imparidade como proporção dos adiantamentos médios) foi de 0,94% (2022: 0,5%).
- Os activos em incumprimento do Grupo em relação aos empréstimos e adiantamentos permanecem entre os mais baixos do sector.
- Os depósitos de clientes aumentaram 26% para mais de US\$1,13 mil milhões.
- Os activos totais aumentaram 11% para mais

de US\$1,54 mil milhões.

- A base de clientes combinada cresceu de 555.016 para 585.966 - trazendo mais de 30.000 novos clientes no primeiro semestre do ano.
- O Conselho de Administração decidiu pagar um dividendo intercalar de 5 162 325 USD, ou seja, 0,21 cêntimos de dólar dos EUA por acção (Junho de 2022: 0,15 cêntimos de dólar dos EUA).

Sobre o First Capital Bank Moçambique

O **First Capital Bank, SA** faz parte da **FMBcapital Holdings PLC** (Grupo FMBCH) que tem uma forte presença regional, fornecendo soluções bancárias e financeiras através das suas subsidiárias operacionais em cinco mercados da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) – Botswana, Malawi, Moçambique, Zâmbia e Zimbabue.

O First Capital Bank, SA começou a operar em Moçambique em Julho de 2013, quando assumiu as operações do *International Commercial Bank* e neste momento emprega cerca de 200 funcionários e atende às necessidades financeiras de cerca de 8.000 clientes.

Para mais informações: www.firstcapitalbank.co.mz

Sobre o FMBcapital Holdings

O FMBcapital Holdings Plc fornece soluções bancárias e financeiras através das suas subsidiárias operacionais em cinco mercados da SADC (Botswana, Malawi, Moçambique, Zâmbia e Zimbabue) com um Centro de Serviços Partilhados de Tecnologia de Informação e Operações nas Maurícias. O Grupo tem uma base total de activos de mais de 1,5 mil milhões de dólares, emprega mais de 1.900 funcionários e atende às necessidades financeiras de clientes em toda a África.

Para mais informações: <https://fmbcapitalgroup.com/>



“Nyusi em reflexão ENTRE SAIR A “PONTAPÉ POLÍTICO” OU PACIFICAMENTE!...

Por: João Bruno de Moraes

**“Nunca corte o que você puder desatar”-
Joseph Joubert**

Pretexto e contexto

Ao prepararmos o tema que o leitor tem em mão, pensamos na figura do Presidente Nyusi que alimenta incertezas e, por outro lado, determina certezas! Figura política neste tempo político alvo de muitas críticas por parte de diferentes sectores da sociedade moçambicana incluindo dos seus próprios camaradas através das famosas cartas que circulam nas redes sociais e nos media.

As críticas evidentemente são pretextos para que o Presidente Nyusi se distancie ou se aproxime do povo e dos órgãos sociais da Frelimo como por exemplo a Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLIN).

O contexto também conta muito nessa actual equação sociopolítica. Isso nos elucidou um jovem com uma visão política acima da média.

De facto a política moçambicana não vive somente de pretextos, o contexto também está lá.

As recentes eleições autárquicas ainda sem resultados definitivos anunciados, as marchas nas ruas dos manifestantes que contestam os resultados eleitorais, a sucessão no seio da Frelimo e o próprio processo governativo, tudo isso, são ingredientes que norteiam os pretextos e contextos da nossa ordem política do dia.

Agora quem pode dar soluções para esses pretextos e contextos senão o primeiro magistrado da nação!

A rota da contestação interna

Não é nenhuma novidade Graça Machel, uma mulher que nós admiramos muito vir ao público e criticar abertamente o sistema controlado pela Frelimo.

Na edição de 22 de Dezembro de 2010, o jornal O País - “pano de fundo”, com direito a capa, Graça Machel concedeu uma Grande Entrevista sob pretexto e contexto das manifestações de 1 e 2 de Setembro devido a subida do preço do pão. Esta entrevista ficou, célebre porque movimentou os bastidores políticos da Frelimo e não só. Com uma só frase Graça sintetizou toda a vida política do regime na altura - “estão a isolar Guebuza, como fizeram com Samora”.

Com o devido respeito ao jornal O País, vamos transcrever alguns excertos da entrevista.

O País: Pode ser mais explícita?

Graça Machel: Eu não gosto da ideia de isolar o Presidente Guebuza e fazerem dele o único responsável pelos problemas do país. Eu tenho autoridade para falar disto porque já tive um marido presidente, fizeram isto com Samora, isolaram-no.

Não se pode concentrar as responsabilidades e os desafios do nosso país numa só pessoa, isso não é positivo. E como disse, já vi isso acontecer directamente.

O País: Acha que se está a repetir?

Graça Machel: Acho que sim. Que venha alguém dizer que é mentira.

Ora, nós não sabemos porque estavam a isolar Samora. Na altura talvez estivessem a isolar Guebuza talvez porque a Frelimo depois das manifestações do dia 1 e 2 de Setembro de 2010 e 5 de Fevereiro de 2008 já previssem que iria acontecer algo tão grave e inédito como as Dividas Ocultas.

Agora com o Presidente Nyusi, o ceno é mais complicado. Não é ele que está sendo isolado, mas sim ele que se está a isolar da Frelimo.

No entanto vejam a rota da contestação. Com palavras e frases enigmáticas é sempre a facção Machel que inicia as “hostilidades”, o que nos propicia o indicativo que o dispositivo de segurança colectiva da Frelimo tem que ser accionado e, nesse sentido só existe uma saída - premir o “botão amarelo” para que o Presidente Nyusi convoque o ACLLIN para formular ideias globais para solucionar a “equação sucessão”.

Hipóteses para uma sucessão pacífica

Tendo em consideração a histórica frase do ex Presidente da República Armando Guebuza aquando da celebração dos 50 anos da Frelimo - “é preciso reinventar a Frelimo” e porque o Presidente Nyusi foi amamentando pelo marxismo maoísta e leninista, vamos formatar as nossas hipóteses do seguinte modo:

Hipótese 1: Presidente Nyusi nomear um super ministro (que não venha Conselho de Ministros) que tenha a responsabilidade de assegurar a transição e seja automaticamente candidato a Presidência da República.

Comentário: É altamente constranger para o Presidente Nyusi ter um elemento poderoso bem perto de si. Seria funcional se neste momento político a Frelimo estivesse coesa e unida.

Probabilidade de ser real: 50%

Hipótese 2: Presidente Nyusi nomear um super ministro (que não venha Conselho de Ministros) que tenha a responsabilidade de assegurar a transição e não seja candidato a Presidência da República e propor um novo secretário-geral da Frelimo que seja automaticamente candidato a Presidência da República.

Comentário: Duas figurais que se podiam, complementar e assegurar uma coabitação pacífica entre o governo e o partido. Conhecedor dos dossiers o super ministro poderia caso a Frelimo vencesse as eleições ser nomeado Primeiro-minis-

tro. Seria um caminho para purificar as fileiras.

Probabilidade de ser real: 50%

Hipótese 3: Presidente Nyusi nomear um super ministro (que não venha Conselho de Ministros) que tenha a responsabilidade de assegurar a transição e seja automaticamente candidato a Presidência da República e propor um novo secretário-geral da Frelimo.

Comentário: Um dos caminhos para se fumar o cachimbo da paz no seio dos camaradas. Esta hipótese colocaria o Presidente Nyusi ligeiramente confortável

Probabilidade de ser real: 50%

Hipótese 4: Presidente Nyusi propor um novo secretário-geral da Frelimo com anuência do ACLLIN que seja automaticamente candidato a Presidência da República.

Comentário: O núcleo duro dos históricos da Frelimo unidos e coesos é invencível. Desunidos podem destruir a Frelimo, ou seja, destruírem a si mesmas. Na prática são os “verdadeiros donos da Frelimo” que tem por missão histórica agora mais do que nunca encontrar um modelo sustentável de sucessão. Polémicos, controversos, agitadores, estratégicos, situacionistas, pensadores, táticos, enfim são os tais que possuem o “hardware” e permitem que em cada sucessão se crie um novo “software” da Frelimo.

Agora sendo Nyusi também Presidente do ACLLIN, esta hipótese na prática resolveria todos os problemas presentes e futuros da Frelimo.

Esta hipótese daria “ferramentas para que a curto prazo fizessem reformas profundas nos estatutos da Frelimo (voltar as origens da Frente de Libertação de Moçambique) que naturalmente facilitaram reformas no Estado em todos os níveis e dimensões.

Somente o ACLLIN sabe dizer quem é o candidato natural a sucessão!

Probabilidade de ser real: 90%

Para terminar queremos salientar que o que sempre distinguiu a Frelimo de outras forças políticas foi a prática. Foi assim que conseguiram evitar a maioria dos aspectos negativos de todos tipos de marxismo-leninismo. Também conseguiram distanciar-se do socialismo da Europa do Leste e das falhas do socialismo africano,

ENTRE SAIR A “PONTAPÉ POLÍTICO” OU PACIFICAMENTE, Senhor Presidente, tudo está nas suas mãos. **Nunca corte o que puder desatar”.**

EDIÇÃO ESPECIAL DE RÓTULOS “SALVEM-NOS”



Continuação da Pag 08

não era exclusivo de Moçambique. Dos regionalismos, localismos, instâncias comunitárias de vária natureza, todos os grandes líderes africanos quiseram se distanciar, privilegiando a ideia de um Estado-nação moldado segundo o estilo ocidental: centralismo, burocratismo, desenvolvimentismo, por vezes pan-africanismo, com o acréscimo do autoritarismo, pelo menos na maioria dos casos. Pretendia-se edificar um Estado-nação moderno e desenvolvido, com inimigos bem identificados: colonialismo, capitalismo, tradição. Os “localismos”, entre os quais a questão étnica, deviam ficar marginalizados ou até ser completamente excluídos do discurso oficial. Foi através desse paradigma que a maioria dos políticos africanos enfrentou a época das independências. Amílcar Cabral, por exemplo, um líder que não chegou a governar porque foi morto pouco antes de a Guiné-Bissau alcançar a sua independência, antepunha a necessidade de edificar a nação Bissau-guineense às pertenças étnicas, como recorda Iancuba Indjai, seu companheiro muito chegado da época da luta armada (AMÍLCAR..., 2023). Julius Nyerere, que teve influência considerável na formação do pensamento da FRELIMO, procurou encontrar um equilíbrio dentro de um país com cerca de 120 grupos étnicos e uma elevada diversificação religiosa, enfatizando a necessidade de construir uma nação centralizada e com uma língua unificadora (o Swahili), válida a nível nacional e até continental (TRIP, 1999). O outro grande pensador pan-africanista, Nkrumah, teve de enfrentar problemas não simples ao construir o novo Gana, como demonstra a necessidade de formar um exército nacional que perpassasse as pertenças étnicas enraizadas em todo o país (ADEKSON, 1976). De forma geral, a questão étnica foi considerada como herança do colonialismo, portanto, ela devia ser ultrapassada, geralmente mediante um processo de remoção. A questão étnica foi, assim, excluída da formação dos novos Estados independentes, abrindo as portas a ideologias exógenas, a maioria de tipo socialista e “desenvolvimentista”, marginalizando os elementos endógenos e tradicionais. As lideranças africanas consideraram a etnicidade como algo que fomentava divisões nacionais, por isso, ela devia sair da pauta pública mediante um processo de agenda-denial. Foi inventada uma mítica homogeneidade na diversidade, com normativas que, como no Gana de Nkrumah ou no Moçambique de Samora Machel, proibiam a formação de partidos políticos com base étnica ou territorial (DENG, 1997). A adesão de muitos países africanos ao marxismo, inclusive de todas as antigas colónias portuguesas, entre as quais, Moçambique, afastou os cientistas sociais locais da compreensão da etnicidade e de suas tensões como um dos aspectos-chave das dinâmicas internas e, ao mesmo tempo, permitiu o controlo total da imprensa por parte do poder político. Na teoria marxista, “the

critique that ethnicity is potentially an illusion ultimately in the interests of capitalist class remains a part of modern Marxist understanding” (MEJER, 1987, p. 251). Entretanto, a realidade desmentiu as intenções: quase todos os conflitos africanos recentes têm tido, como uma das suas bases fundamentais, as tensões étnicas. Em Moçambique, a negação da questão étnica não ajudou no enfrentamento do problema da convivência pacífica de povos diferentes vivendo numa só nação e espaço geográfico (DAMBILE, 2014). O centralismo institucional adotado ignorava as diferenças entre estes povos, por vezes criando novas hierarquias entre eles, consoante as suas tendências políticas e a fidelidade ao novo regime (BUSSOTTI; NHAULEQUE, 2022). O projeto nacionalista, modernizador, e a criação do “homem novo” (MENEZES PAREDES, 2014) se contrapuseram, em época socialista, ao chamado “Xiconhoca”, ou seja, o homem ainda era influenciado por tendências colonialistas e burguesas, assim como por “tradicionais” (MENESES, 2015). A dimensão étnica, a partir das línguas locais, foi propositadamente marginalizada e até perseguida. O português foi escolhido como língua nacional quer por falta de alternativas, quer devido à convicção de que, com essa opção, podia-se evitar regurgitações tribalistas potencialmente ameaçadoras do projeto de unificação (MACAGNO, 2009). Nos espaços públicos, era proibido usar as línguas locais, e mesmo no âmbito privado, era preferível utilizar a língua oficial e comum a todos os moçambicanos. A luta contra as etnias locais tradicionalistas se identificou com a guerra contra os “régulos” (chefes tradicionais), contra o “obscurantismo” das religiões, reveladas assim como dos ancestrais, e contra a mentalidade arcaica e individualista da maioria dos camponeses. Esse posicionamento ofereceu à RENAMO2 uma excelente base de consenso contra as políticas coletivistas e modernizadoras da FRELIMO, favorecendo a penetração da guerra civil, primeiro durante 16 anos e, depois, de 2013 até 2018 (MOURIER-GENOUD; CAHEN; ROSÁRIO, 2018). Apesar das divisões políticas e étnicas, o discurso nacionalista e unitário continuou a ser propalado ao longo de toda a história do Moçambique independente por parte da FRELIMO. No início do período democrático, na década de 1990, vários estudiosos abordaram a questão da nação e sua identidade, procurando deixar de fora qualquer alusão à componente étnica. Neste novo início da construção nacional, a publicação provavelmente mais significativa foi organizada por Carlos Serra em 1998, com a contribuição de jovens filósofos e sociólogos, tais como Severino Ngoenha e Elísio Macamo (SERRA, 1998). Ngoenha abordou essa questão em outros escritos; por exemplo, em 1999, ele escreveu um texto procurando valorizar a identidade Tsonga, mas não em contraposição às outras culturas moçam-

bicanas e africanas, e sim, às culturas europeias, no caso, de cunho missionário, que tendiam a tornar periféricas as identidades locais (NGOENHA, 1999) – um discurso que desaguava na necessidade de uma identidade nacional e até continental, contraposta àquelas externas, de matriz essencialmente ocidental e colonialista. Oscar Monteiro (2013), um dos ideólogos mais brilhantes da primeira FRELIMO, destacou, no seu livro de memórias, desde o título, a ideia de que De todos se faz um país, aludindo ao projeto unificador que se quis implementar. Na mesma época, o Presidente Guebuza acentuou os elementos da unidade nacional, retomando, num contexto diferente, as estratégias políticas e discursivas de Samora Machel, embora procurando cativar as simpatias dos régulos, os 2 Hoje, o segundo partido do país, depois da FRELIMO, que, entre os anos de 1970 e 1990, desencadeou uma guerra civil muito agressiva, que destruiu quase todo o país, até a assinatura dos Acordos Gerais de Paz em Roma, em 1992. chefes tradicionais que, fora do Sul, continuavam a mostrar fidelidade à RENAMO. Foi por isso que Guebuza promoveu uma iniciativa legislativa que, em 2010, garantiu dignidade institucional aos régulos, beneficiando-os com cerca de 13 dólares de salário por mês. Entretanto, sua firme oposição a qualquer tentativa de descentralizar o poder e, portanto, de conceder mais espaço às instâncias locais eletivas – tais como municípios e províncias, estas últimas, completamente controladas pelo governo central até 2018 – foi uma opção política que despertou a oposição militar da RENAMO e resultou no retorno à guerra. O discurso de Guebuza está repleto de conceitos sobre a memória comum, o legado dos heróis da guerra anticolonial, culminando num projeto de nação baseado na luta contra a pobreza e na promoção da “autoestima”. Reivindicações de identidades locais e étnicas não podiam encontrar espaço dentro de um tipo de governação cada vez mais autoritário e centralizado (POSSE, 2020). Entretanto, aproximadamente no fim do segundo mandato de Guebuza (que saiu do poder em 2014), as tensões entre governo e RENAMO voltaram a determinar uma nova guerra civil. O discurso que moldava as reivindicações de Dhlakama estava focalizado num conceito muito simples: a exclusão das melhores oportunidades que o país oferecia para quem não pertencia à FRELIMO. Tal discurso implicava, em larga medida, uma referência de tipo territorial explícita (o Centro e o Norte penalizados em prol do Sul, salvo a minoria Makonde), assim como uma, menos nítida, mas nem por isso menos importante, de natureza étnica. Esse foi o primeiro momento em que a questão étnica emergiu das trevas de um histórico e propositado esquecimento, mostrando ao país uma face diferente do debate político moçambicano.

	Assinaturas		
	Trimestral	Semestral	Anual
Nacional/Função pública	1000 Mts	1700 Mts	2900 Mts
Embaixadas e fora do País	50 USD	100 USD	150USD

Processo eleitoral autárquico 2023

A FRELIMO NÃO ESTÁ EM CONDIÇÕES DE PEDIR A “EMENTA”!...

“Depois de mais de 49 anos de poder estatal quase absoluto, a Frelimo não está em condições de pedir a “ementa” – General K.

Por João Bruno de Moraes

Desde que Samora Machel morreu em circunstâncias misteriosas, celebramos por estes dias, 37 anos do seu desaparecimento físico, que a Frelimo se transfigurou em termos de moralidade e ética. O seu regime apesar de ser ditatorial a maioria dos quadros da Frelimo observava a ética, moral e a disciplina.

É que durante todo esse tempo em que a figura de Samora foi esquecida pela própria Frelimo (só recordada na data da sua morte), vimos o que aconteceu no seio dos camaradas. Filhos de Presidentes sentaram-se nas cadeiras dos tribunais como réus, instituições de Estado como o SISE, foram completamente desacreditadas. Tudo isso porque os dirigentes da transição do monopartidarismo para o multipartidarismo não conseguiram encarar o capitalismo como ele é realmente.

Depois os dirigentes que tomaram conta do Estado da Frelimo à partir de 2015 O pai do Rovuma ao Maputo nestes últimos tempos está atravessando momentos importantes relativamente a transformações sociais, económicas, políticas e ambientais, decorrentes da dinâmica sociopolítica e sobretudo de descoberta e exploração de recursos naturais, com destaque para os recursos minerais e energética que representam uma oportunidade para tornar a economia nacional mais competitiva.

Também o país está a sofrer profundas transformações ambientais, devido a mudanças climáticas que colocam em perigo os ganhos de desenvolvimento alcançados e almejados.

A Frelimo tem uma vasta experiência no que tange a lições em todas as dimensões e níveis quer no sentido positivo, quer no sentido negativo.

Já em termos de desafios e perspectivas no desenvolvimento económico do país, o partido que esta no poder desde 1975, ano da Independência Nacional, deveria ter em conta **TRÊS PONTOS:**

● PRIMEIRO PONTO:

- A dinâmica sociopolítica e económica financeira pós 1992 produziu classes distintas no país!
 - Agora que classes são essas?
 - O que produzem?

● SEGUNDO PONTO:

- Uma planificação estratégica num horizonte, até o ano de 2050 de acordo com três cenários de desenvolvimento territorial ou a sua conjugação possível nos seguintes termos;
- Cenário 1 – Moçambique, como um *player* mundial no domínio da energia;
- Cenário 2 – Moçambique, como um país exportador de produtos agro-florestais;
- Cenário 3 – Moçambique, como um território integrado e inclusivo;

Vectores determinantes para o desenvolvimento económico:

- **O socialismo democrático da Frelimo e a propriedade**

No meio de todos os tipos de socialismo que Moçambique trilhou com a liderança da Frelimo, todos têm uma nota em comum: a luta, melhor, a pancadaria no direito de propriedade.

De facto, as acções e os procedimentos nos processos de tomada de decisão assim como o tipo de decisões que os camaradas tomam na actualidade são consistentes com os preceitos teóricos que sustentam a ideologia da Frelimo – isto significa pancadaria, desde a psicológica até a doutrinal e material.

Portanto em vez de combaterem inteligentemente os abusos, todos eles feriram as próprias instituições do Estado, que não tem culpa das tolices alheias. É a contradição fundamental insinuada pela sofística de Proudhon, no sangue do socialismo, e não há vacina que o cure.

Ora, negado em reduzido o direito de propriedade, é preciso ir até ao fim, e negar também o direito aos frutos do trabalho, porque uma coisa postula a outra. E não vale a cambalhota acrobática de Proudhon, trocando-lhe o nome para fugir à dificuldade. **Propriedade, ou posse, são essencialmente a mesma coisa.** A questão não é de palavras, é de realidades. Pois não vêem que a maior parte das fortunas, digamos o termo, das “propriedades”, não é mais que trabalho acumulado?

Enfim, até hoje, ainda nenhum socialista se atreveu a contestar ao trabalho, ou do salário, supomos nós. Logo, os teóricos socialistas a nível mundial pararam a meio do caminho, deixando no seio dos sistemas absurdo fundamental incurável. Porque, consentir a posse dos frutos do trabalho, que cada qual pode poupar ou multiplicar, se quiser, é deixar que a propriedade se constitua justamente ao ritmo lento da criação de quase todas as fortunas actuais; a não ser que decidam a confiscar periodicamente os frutos do trabalho, acumulados à custa de muito e de muito sacrifício. Vê-se que pisam em falso. E é daí que vêem as flutuações constantes dos socialistas, em face da propriedade rústica, que querem limitar, mas não sabem como.

Mas tudo isso termina quando os dirigentes da Frelimo não identificam ideologicamente o seu socialismo democrático apesar de perceberem que a expressão socialismo democrático significa uma alternativa ideológica para fugir na teoria os movimentos e regras de carácter totalitário.

- População;
- Crescimento económico;
- Energias;
- Agricultura e Recursos Naturais;
- Urbanização;

Existem pens dois poderes no mundo, a espd e mente. Ao longo przo espd sempre derrotd pel mente.

Nunc interromp seu inimigo qundo estiver cometer um erro.

Os rebenhos procurm os grndes, no por cus deles ms pel su inflenci e os grndes os recebe por vidde ou por necessidade.

No meio do cos tmbe existe oportunidade.

No existem incognits só probbiiddes

No se pode escolher demrcrci escondndo n propri demrcrci

No processo d Lut de Libertco ncionl, Frelim no se escondi do povo,. Por isso Frelimo venceu o colinilismo português. Mesmo n geurr dos 16 nso

Democrci no serv pr dividir...

O resultdo de qualquer eelico direccion o investimento

Frelimo venceu o colonialismo porque tinh conscienci que lute r just..

Est grgmentd, insegur porque deixou nturez de prte...

Logo depois das primeiras projecções a Frelimo ao anunciar que venceu em todas as autarquias teve em conta uma velha tática implementada no tempo da segunda República.

Na altura Joaquim Chissano utilizava muito essa tática quando queria nomear um ministro de um sector qualquer. Através dos média lançava diferentes nomes para o público para ver a reacção do mesmo e nomeava aquele que a opinião pública elogiava e aceitava.

Agora não foi diferente! Lançaram a vitória retumbante para ver primeiro como a Renamo iria reagir “sem armas”, segundo para ver a reacção da liderança da Renamo, terceiro para observar como a opinião pública iria reagir e quarto como reagiriam os parceiros internacionais como por exemplo a União Europeia.

Ora os estrategas da Frelimo dessa tática tiraram rapidamente as ilações e observaram que o General Ossufo Momade teve uma visão diferente do General Dhlakama. Escrevemos no ano passado o seguinte: (...) já dizia o imperador romano Júlio César que preferia ter um General vivendo numa aldeia qualquer fora de Roma (está longe do poder) do que vivendo em Roma (perto do poder). Mas para simplificar melhor as coisas! Por exemplo, para o poder do sul da Frelimo, o facto do General Dhlakama viver na Ponta Verde foi uma “bênção” porque estava muito longe de Maputo. Podia incomodar mais não ameaçava directamente o poder. Porém Dhlakama refugiou-se por diversas vezes nas aldeias de Gorongoza por questões meramente estratégicas mas sobretudo para preparar os seus quadros. Mas mesmo assim, Dhlakama não representando muito perigo directo a Ponta Vermelha, o Presidente Nyusi subiu a montanha para “esclarecer as dificuldades históricas”, coisa que o poder do Sul da Frelimo nunca quis fazer! A pergunta é porquê?! Agora o General Ossufo Momade vive aonde? Vive em Maputo, o que significa que está próximo do poder. Isso tudo para dizer que não se deve “mandar bocas” sem antes analisar profundamente os processos. Esses intelectuais vão dizer também que o General Ossufo está dormir, não possui estratégia? (...) in Luz do Pensamento, 16-05-2023.

Ora, o General Ossufo demonstrou com as marchas da Renamo na capital que possui estratégia e que as suas palavras-chaves e dos seus quadros são revolução e esperança.



Moçambique: Será o fim de uma era? E o começo de uma nova?

Por: Afonso José F. Carpinteiro

Moçambique está atualmente enfrentando um momento de desafios e mudanças significativas, o que poderia marcar o fim de uma era e o começo de uma nova. A esse respeito Atelhe(2018, p.15), o futuro de Moçambique é incerto e não é possível prever com certeza se será o fim de uma era ou o começo de uma nova. No entanto, várias mudanças significativas estão ocorrendo no país que podem ter um impacto considerável no seu desenvolvimento. Moçambique está passando por transições políticas, económicas e sociais importantes.

Durante décadas, Moçambique foi assolado por conflitos armados internos, que afetaram negativamente o desenvolvimento económico e social do país. No entanto, nos últimos anos, houve avanços na consolidação da paz e na estabilidade política, abrindo caminho para uma nova era de progresso.

Uma das principais oportunidades que Moçambique tem atualmente é a exploração de seus recursos naturais, principalmente gás natural e carvão. Esses setores têm o potencial de impulsionar o crescimento económico e atrair investimentos estrangeiros. No entanto, o país ainda enfrenta desafios significativos, como a necessidade de infraestrutura adequada e a gestão sustentável dos recursos.

No entanto, Moçambique enfrenta desafios consideráveis, como a pobreza generalizada, a desigualdade social, a corrupção, baixos índices de educação e saúde precária. Além disso, a escalada violência na Província de Cabo Delgado, tem causado preocupação internacional e levanta questões sobre a capacidade do governo em lidar com a ameaça.

É essencial que o país adote políticas eficazes para combater esses problemas e garantir que o cresci-

mento económico seja inclusivo e beneficie toda a população.

Portanto, embora Moçambique possa estar entrando em uma nova era com potencialidades económicas promissoras, também enfrenta desafios que precisam ser superados para garantir um futuro estável e próspero para o país e seu povo. O sucesso ou fracasso dessa transição dependerá das ações tomadas pelo governo, da participação da sociedade civil e do apoio da comunidade internacional.

No entanto, Moçambique está diante do fim de uma era marcada por conflitos e instabilidade, mas também pode estar no início de uma nova era de desenvolvimento e prosperidade. Portanto, será necessário um esforço conjunto do governo, no setor privado e da sociedade civil para aproveitar plenamente as oportunidades e enfrentar os desafios que surgirem no caminho.

PUBLICIDADE

LUZ DO PENSAMENTO – *Semanário Digital*

Preços de Publicidade por Edição

1/1 pág.	10.500,00 MT
1/2 Pág.	6.500,00 MT
1/4 Pág.	4.000,00 MT
1/8 Pág.	2.500,00 MT
Rodapé primeira página	5.000,00 MT
Rodapé de pág. 2 em diante	1.500,00 MT



Porque o Bispo é alvo fácil?

Por: Elísio Macamo

Não estou ao serviço de ninguém, tanto mais que religião e eu nunca tivemos uma relação saudável. Estou ao serviço da reflexão crítica, algo que sei ser pomposo, mas não tenho como evitar porque é assim que entendo também a minha vocação como cientista social. Tudo, bem analisado, serve como impulso para articular os problemas da sociedade. As críticas, legítimas ou não, que são feitas ao Bispo que dirigiu a CNE são interessantes por levantarem questões que têm a ver com a complexidade dos assuntos que fazem a esfera pública. Tentei, no texto anterior a este, mostrar que alguns assuntos que parecem lineares e claros podem não ser pelo simples facto de que muitas vezes usamos quadros de observação que nos impedem de ver aquilo que não queremos ver.

Mas uma questão que surgiu da reflexão que fiz sobre o dilema ético do Bispo foi de saber porque ele é um alvo fácil. Não me refiro apenas às críticas que se fazem em todo o lado à sua (in)acção. Refiro-me à forma como elas são feitas. O teor dessas críticas tem sido o apelo à sua condição de religioso. Dito doutro modo, existe um quadro ético em referência ao qual ele devia agir. É na base desse quadro que alguns constataam contradições ou incoerências entre esses valores e a (in)acção do Bispo. Independentemente de termos ou não a certeza de que ele falhou em relação a esse quadro ético, a sua existência bem como a certeza que temos de que ele deve ser julgado nessa base facilitam a reflexão.

No fundo, o Bispo é apenas a ilustração mais clara daquilo que devia ser também válido para qualquer um de nós. Como portadores de valores estamos constantemente a convidar pessoas a nos julgarem nessa base, quer queiramos ou não. É verdade que ao nível do quotidiano isto é um pouco difícil porque somos uma sociedade pluralista e nem sempre o que vale para um vai valer para outro. Temos, naturalmente, em última instância a Constituição e o código civil, mas mesmo aí as coisas não fáceis, pois não é incomum ter situações em que tribunais julgam comportamentos individuais fundados em práticas e convicções culturais em contradição com as leis do Estado moderno. Felizmente, viver em sociedade é também contribuir para a criação de consensos normativos em plena consciência de que esses consensos podem ser ténues.

Há certas categorias de membros da sociedade que se não podem permitir a ausência de quadros éticos na base dos quais se possa julgar o que fazem. Os prelados fazem parte desse grupo por definição. Há um outro grupo que também deve ser incluído aí, a saber o dos políticos. Apesar da forma cínica como falamos deles como sendo indivíduos sem moral e essencialmente oportunistas, dum modo geral o político não pode prescindir desse quadro ético. É ele que torna coerente o que ele faz, as decisões que toma bem como as desculpas que dá para omissões e comissões. A hipótese que proponho aqui é de que quanto mais difícil for julgar o comportamento dum político com referência ao quadro ético que ele próprio elegeu, mais pobre é a sua qualidade como político.

A Frelimo que proclamou a independência tinha um quadro ético claro, por muito que a gente torce o nariz perante o seu conteúdo. Era nessa base que os que militavam na Frelimo agiam e eram julgados pelos seus camaradas. De vez em quando, circula um despacho

de Samora Machel demitindo o Governador de Gaza por corrupção sexual, incúria e não-sei-que-mais. Isso contribui muito para projectar a imagem dum Frelimo melhor que devia ser recuperada para o bem do País. Para mim o interessante aqui é apenas a existência desse quadro ético e, naturalmente, a vontade de julgar e agir de acordo com ele. O quadro era marxista com todas as boas e más coisas que ele acarretava. A simples existência dum quadro ético, porém, não confere virtude moral superior.

Agora, o nosso problema hoje é que as nossas elites políticas não têm, aparentemente, nenhum quadro ético na base do qual agem. Sei que estou a fazer uma generalização, mas com tempo e num outro contexto posso fundamentar melhor. Do ponto de vista político, um quadro ético tem um fundo ideológico e define, dum modo geral, a partir dos interesses que reúnem os membros dum partido político, a ideia de sociedade que eles têm, os princípios que fundamentam essa ideia e os meios mais apropriados para a viabilizar.



Já escrevi aqui neste mural que as nossas elites políticas, pelo menos aquelas que estão no activo, não têm ideia do seu quadro ético. Não me parece haver diferença entre deputado da Renamo e deputado da Frelimo ou do MDM. Qualquer um deles podia ser membro de qualquer outro partido. O único que impediria isso seriam ressentimentos históricos, regionais e, sim, oportunismos passados, presentes e futuros. Ideológicos não seriam. Não é por acaso que quando se trata de votarem privilégios há pouca discussão.

Como é que a gente vai fazer a crítica do político se não sabe que quadro ético o orienta na sua acção? A referência geral à Constituição é, infelizmente, inútil, pois o quadro ético é que concretiza a Constituição para o político. Ele lê-a a partir desse quadro e proporciona, por essa via, os critérios na base dos quais pode ser julgado. Reparem que não estou a exigir que os políticos sejam moralmente perfeitos.

Falo de como se pode falar com eles de forma útil. Ao nível do Secretariado-Geral, da Comissão Política e da Presidência da Frelimo não vejo como discutir as suas decisões e comportamentos de forma útil. Uma discussão útil é aquela que permite confirmar a coerência entre a acção e os valores que se pretende salvaguardar. Só quem tem esse quadro de referência pode reconhecer erros, corrigi-los e continuar a servir o País.

Na ausência disto, o que resta é infelizmente o oportunismo e o apego irracional ao poder. É também por esta razão que tenho as minhas reticências em relação ao discurso dos “infiltrados”. A ideia é de sugerir a presença de alguém que disvirtua o quadro ético dum grupo. Mas qual é o quadro ético da Frelimo hoje? Se eu perguntasse assim espontaneamente a mil militantes da Frelimo escolhidos aleatoriamente em que medida a introdução de portagens reflecte o quadro ético do seu partido aposto que teria mil respostas diferentes.

É por isso também, e já agora, que considero prob-

lemática a forma como dentro e fora da Frelimo se fala do Ministro da Agricultura. Para além dos laivos de preconceito racista que se notam nesses discursos, nota-se também a ausência dum quadro de referência próprio da Frelimo na base do qual se poderia discutir com utilidade aquilo que se supõe que ele tenha feito.

Mas, prontos, é mais fácil criticar o Bispo, muito mais fácil do que criticar o Presidente. Mesmo “o povo é meu patrão” – um bom início – não serve porque ele não dialoga para a gente saber em que medida, por exemplo, o convite que ele fez a tropas estrangeiras para virem proteger a nossa soberania sem nenhuma consulta pública (ou ao parlamento) respeita esse princípio de serviço público.

No fundo, o nosso problema é capaz de ser o problema da própria miséria da política.

In Facebook